

Uma brincadeira mal-entendida, um adeus iminente.

Norquês

Sinvalzinho era um sujeito boa praça, trabalhador, honesto e educado, mas que apresentava certo vício - mal situado entre qualidade e defeito - que lhe causava algum contratempo, principalmente nas relações interpessoais com parceiros de humor carregado. Não era defeito de caráter, pois Sinvalzinho podia ser tomado como exemplo para muitas classes, também não se tratava dos prazeres do jogo ou da bebida, embora vez por outra apreciasse uma cervejinha gelada. Diremos de forma simples e direta que Sinvalzinho era um brincalhão, um pândego de marca maior. Nas rodas onde ele se encontrasse, não havia assunto cuja gravidade perdurasse por muito tempo, ou seja, estivesse um grupo debatendo algum tema e pelo meio da conversa Sinvalzinho soltava um gracejo, uma piadinha. Mas não o fazia por mal ou leviandade, pois não era maldoso, era apenas um grande gozador.

É preciso dizer que Sinvalzinho já cruzara os limites da meia idade há pelo menos duas décadas, encontrando-se àquela altura nas garras da solteirice voluntária, não que fosse adepto fervoroso da causa, mas apenas atravessava uma fase de aridez sentimental, igual à que todo indivíduo atravessa, pois mesmos os que carregam na mão o sinal de comprometimento, aqui e ali sentem o carinho da solidão e do abandono.

Mas nesses tempos de virtualidades, de redes sociais e comunidades ciberespaciais nas quais contamos amigos aos milhares, seguidores aos montes e relacionamentos meteóricos, Sinvalzinho encontrara uma pretendente ao posto de amor eterno. Atendia a interessada pelo nome de Margarida, a qual também já alcançara a etapa da vida onde o coração está mais frouxo quanto à escolha de seus pretendentes. Embora, Sinvalzinho fosse merecedor de muitos salves por suas qualidades, sendo bem afeiçoado de aparência física. Portanto, se conheceram em um desses sites cujo amor e outras drogas são disponibilizados como o pó de pirlim pim pim dos contos de fadas como se em alguns cliques pudéssemos estar apaixonados. Certamente que não e em alguns casos o sentimento inicial é o da insegurança, pelo menos quando não se é uma pessoa mal-intencionada. Obviamente que a motivação de cada um era diferente quanto ao ingresso em tal espaço. Possivelmente, Margarida buscasse um relacionamento sério,

alguém que lhe preenchesse certo vazio da alma. Já nosso dileto cavalheiro não possuía intenção tão nobre, romântica, ou seja, tanto quanto boa parte dos marmanjos que se encontram nesses espaços, o fazia por motivação fútil, ou seja, encontrar alguém com quem pudesse õpassar uma chuvaõ.

Todavia, estabeleceram contato, a princípio um oi, as perguntas iniciais ó e as mentiras também ó a fim de obter o máximo conhecimento. Mas logo familiarizados resolveram ampliar os meios à comunicação, trocaram telefone, sem que se ligassem uma vez sequer, pois no mundo globalizado e conectado de hoje usa-se mais largamente os aplicativos de mensagens. Diariamente a troca era grande, entre bons dias, boas tardes e boas noites, abordavam os mais variados temas sobre os quais concordavam plenamente, principalmente quanto à necessidade de se esclarecer e politizar as camadas mais humildes da sociedade. Também comentavam sobre suas famílias, dos filhos que tinham e do orgulho que sentiam deles. Assim, falavam de tudo ou simplesmente enviavam arquivos com mensagens, músicas, vídeos ou fotos.

Entretanto, não nos esqueçamos do jeito de Sinvalzinho se portar e o quanto isso incomodava quem não estivesse de bom humor. Portanto, não seria de estranhar que tal fato se verificasse naquela relação, pois a medida que foram criando maior intimidade, Sinvalzinho foi deixando-se revelar. Assim, não demorou para que as primeiras pilhérias surgissem e com ela os primeiros desentendimentos.

É preciso dizer que Margarida gostava de futebol, sendo de família que muito amava o Clube do Remo, um dos principais times da cidade e que rivalizava em força, feitos e torcida com o Paysandu, clube que contava em sua história com fatos importantes como participar de uma Taça Libertadores da América, principal torneio de futebol do nosso continente. Então, certa vez, estando o Remo às margens de um rebaixamento no campeonato nacional, o que o levaria da terceira à quarta divisão, algo por demais penoso à sua imensa torcida, estavam os nossos enamorados conversando, como sempre, pelo aplicativo de mensagens, quando Sinvalzinho resolveu fazer uma pergunta:

ô E o õCachorro de Perucaõ cai ou não cai?

Convém esclarecer que entre os amantes do futebol o time rival nunca é tratado pelo nome, pois isso seria heresia. Portanto, é muito comum ouvir-se expressões jocosas e desqualificantes quando se fala do adversário, por isso, os torcedores do Remo falam

do rival como, Mucura, Banana de Pijama, ãMãessanduö; além de outros tantos nomes. Por seu turno, os torcedores do Paysandu se referem ao contrário como Remocinha, Cachorro de Peruca, leoa mijona, apenas para citar alguns.

ô Logo vi, tinha que ser Mucura. Retrucou a jovem senhora.

ô Olha pequena, eu não sou Mucura, não. Mas vou te contar: Esse teu timezinho aí. Hum, parece que vai ladeira a baixo feito trem desgovernado. E mandou aquela gargalhada virtual, expressada por uma quantidade enorme de K.

Não deu outra, logo Margarida estava esbravejando contra seu interlocutor, que aquilo era uma vergonha, que não podia ser, que ele era um ogro e logo a conversa se convertera num ato de xingamento se encerrando de forma abrupta. Aliás, chamá-lo de ogro se tornaria bem comum desse momento em diante, bastasse um aceno mais engraçado e Sinvalzinho recebia a pecha de sujeito tosco, desajeitado, desqualificado.

Entretanto, passado algum tempo, estavam os dois trocando mensagens, até que novo conflito como aconteceu numa manhã quando Margarida lhe mandou uma mensagem espiritualizada, dessas que as pessoas adoram mandar logo cedo dizendo que a vida é bela e Deus está no comando. Como resposta, Sinvalzinho postou: ãDiz isso pros meninos da África, que estão morrendo de fomeö. Pra quê? Foi como se tivessem enfiado um punhal nas costas de Margarida, que de pronto respondeu:

ô Égua! Tu és um ogro mesmo. Quanta falta de romantismo. Mas também, quem manda tentar ser gentil com uma criatura tão tosca.

ô Por acaso eu estou errado, irmãzinha? Respondeu Sinvalzinho tornando pior o que já não era bom.

ô Irmãzinha? Indignara-se Margarida, recolhendo-se ao silêncio que os aplicativos de mensagens nos possibilitam quando nos sentimos agredidos por um interlocutor indesejado.

Apesar disso, algo unia aquelas almas de modo que por teimosia ou necessidade logo estavam a trocar mensagens até que se sucedesse outro desentendimento iniciado sempre por ocasião de alguma observação de Sinvalzinho. Mas o derradeiro instante daquele romance estava definido, pois certamente não havia, nos astros do firmamento, algo escrito garantindo uma relação de longo tempo.

Assim, resolveram marcar um encontro definitivo. Chovesse canivete, o presidente ilegítimo fosse deposto ou quem sabe um terremoto de grande magnitude,

nada poderia adiar, interromper ou cancelar aquele evento, pois já se falavam há bastante tempo sem que houvessem, de fato, conseguido estar frente a frente. Todavia, nada não é exatamente um termo preciso quando se tratava de Sinvalzinho, pois ao longo do dia numa dessas trocas de mensagens para confirmar o encontro a coisa não se processou muito bem. Haviam marcado na Estação das Docas, pois ali poderiam apreciar o movimento do início da noite e porque também era mais seguro.

ô Vou adorar estar com você, tomar um *Chandon* e beijar muito. Disse Margarida buscando ser a mais romântica possível.

ô Querida, é fim de mês, no máximo teremos duas mentas e uma jujuba para adoçar a noite. Respondeu Sinvalzinho, no maior gracejo inconsequente.

ô Água! Que diabos de homem pobre! Retrucou Margarida.

ô Mas pequena, somos assalariados e proletário não guarda dinheiro. Dito isto, acrescentou a habitual gargalhada digital.

ô Não sai nem uma água? Perguntou Margarida sem entender a brincadeira.

ô Nesse caso, teremos que deixar de lado a jujuba e uma menta. Respondeu Sinvalzinho, que em seu íntimo gargalhava frouxamente.

Então como tomada de assalto por uma cólera desmedida, Margarida começou a desfilar um rosário de acusações ao seu interlocutor e iminente candidato a ex.

ô Você é um ogro mesmo. Macho triste sem qualificação. Deve ser desespero mesmo eu estar dando trela a um sujeito que não quer tirar a mão do bolso para pagar sequer uma água. Vais bem querer transar em pé em algum canto escuro por aí. Eu é que não quero saber de homem mão-de-vaca, aproveitador.

Sinvalzinho, lendo aqueles tristes absurdos, se deu conta que o encontro perdera sentido. Certamente, ele não era um xeique das arábias, ou um magnata do petróleo; mas se marcara o encontro na Estação ó lugar agradável e bonito, porém de custo razoável ó é porque levaria consigo dinheiro suficiente para pagar bem mais que uma água. Entretanto, ficara chateado com o destemperado de Margarida, que naquele momento mostrara-se soberbamente arrogante e insensível. Pela primeira vez, sentiu que sua brincadeira não funcionara como imaginado. Até pensou em dizer que estava brincando, que embora fosse pobre sabia proporcionar bons momentos a uma companhia, mas depois de considerar por breve instante percebeu que o que começa

errado não vai melhorar nunca ao longo da caminhada. Então achou por bem colocar ponto final naquela situação.

ô Me perdoe se não sou o tipo de homem que você busca, me perdoe tomar seu tempo e te incomodar com minhas piadas, mas acho que não vai rolar esse ou qualquer outro encontro. Disse em tom de desaprovação e despedida.

ô Ainda vai se fazer de vítima agora? Quem manda você ser um duro! Retrucou Margarida.

ô Pois é... Façamos assim: esqueça que nos conhecemos, apague meu número de seu telefone e seja feliz. Acrescentou Sinvalzinho pondo fim àquele assunto.

ô Acho melhor mesmo. Respondeu Margarida, acrescentando um seja feliz ao final da mensagem.

Assim encerraram aquela conversa, ficando cada qual com um sentimento distinto. Sinvalzinho indignado, e porque não dizer magoado, com as atitudes de Margarida. Ela, por sua vez, aborrecida, chateada com toda aquela situação. Entretanto, o tempo é velho aliado das boas causas, principalmente a de possibilitar a reflexão de nossos atos. Então passados alguns dias, Sinvalzinho recebeu uma mensagem de Margarida: ãNão sei o que acontece, pois não consigo te esquecer. Devo estar ficando louca. Ele olhou, sorriu com o canto da boca, mas deixou ficar como estava, não se deu ao trabalho de responder. Dali a mais algum tempo nova mensagem dando conta da saudade das conversas, e por que não, das brigas. Novamente, Sinvalzinho olhou sorriu e apagou a mensagem. Cada vez mais ficava com a certeza de que Margarida fazia parte do passado, que embora fosse uma mulher de classe, de posses e de posição já não era mais parte de sua vida. Então resolveu enviar-lhe uma última mensagem: ãPerdoe-me, mas não faz sentido insistirmos numa coisa que não nasceu para dar certo; por favor, não me procure mais.ö.

Ao receber a mensagem de volta, Margarida ficou triste, por algum tempo ficou olhando a tela do celular procurando refletir sobre o texto que apresentava e percebeu que fora injusta com Sinvalzinho, pensou em retornar e tentar se explicar, dizer que tudo não passou de um mal-entendido. Todavia pensou melhor e preferiu acatar o pedido, afinal era uma mulher de princípios que não se daria ao luxo de estar correndo atrás de homem; assim pegou o celular, apagou o contato de Sinvalzinho e nunca mais voltaram a se falar... vida que segue.